

Comunicação e economia solidária: o desenvolvimento da Cooperativa GiraSol através de uma trajetória pessoal ¹

Alícia da Silva Cabral PORTO²

Camila Garcia KIELING³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este artigo se propõe a refletir sobre hábitos de consumo, venda e produção de alimentos a partir da trajetória de André Mombach, integrante e cofundador da Cooperativa GiraSol, uma iniciativa de economia solidária sediada em Porto Alegre, RS. O estudo foi feito por meio de pesquisa bibliográfica e de uma entrevista de inspiração etnográfica. A partir das técnicas de observação e da produção de um diário de campo, foi possível aprofundar a narrativa sobre o desenvolvimento da cooperativa por meio da trajetória pessoal de seu integrante fundador, abordando, em uma perspectiva cultural, o debate sobre os dilemas da alimentação na sociedade capitalista. Ao final, destacamos os impactos que o consumo consciente e responsável pode ter na sociedade e os obstáculos enfrentados ao longo da trajetória da iniciativa.

Palavras-chave: Cooperativismo; Agricultura Familiar; Economia Solidária; Entrevista Etnográfica.

Introdução

As Cooperativas são associações de pessoas que compartilham um interesse comum. Para Rios (2017), elas representam uma associação de pessoas, não de capital, sendo o poder de decisão distribuído entre seus associados de maneira democrática e honesta. Namorado (2005, p. 2-3) salienta que “O movimento cooperativo moderno emergiu, em conjugação com o capitalismo, no início do século XIX, para lhe resistir, atenuando os seus efeitos mais penalizantes para os trabalhadores”. Esse movimento, que surge há mais de dois séculos, representa hoje uma alternativa às estruturas econômicas e industriais impostas. São, como diria o mesmo autor, “utopias realistas” (2005, p.2).

De acordo com os dados de 2018 do Sistema Ocergs-Sescoop/RS, o Rio Grande do Sul conta com 426 cooperativas que geram mais de 61 mil empregos, alcançando 2,8

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante de graduação do curso de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e-mail: aliciasporto@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Adjunta da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutora em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação da Famecos/PUCRS, e-mail: camila.kieling@puers.br.

milhões de associados⁴. Ademais, as cooperativas agropecuárias formam o segmento economicamente mais forte do cooperativismo gaúcho. Dentro das 128 cooperativas desse segmento no estado, congregam-se 333,4 mil produtores e empregam-se diretamente cerca de 35,9 mil trabalhadores⁵. A OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras – ainda arrisca afirmar que “no prato de todo brasileiro tem sempre um alimento produzido por uma cooperativa do Ramo Agropecuário”⁶.

Visando entender melhor o modelo do cooperativismo, entrevistamos André Mombach, integrante da Cooperativa GiraSol. A partir de uma entrevista de inspiração etnográfica, buscamos compreender significados para além da estrutura da cooperativa, mas também as motivações e rotinas dos seus associados. A entrevista foi realizada em 9 de junho de 2018, às 17h, na sede da GiraSol, que funciona na Rua José do Patrocínio, 611, no bairro Cidade Baixa. A conversa contou com a participação da autora do trabalho, Alícia Porto, conjuntamente da colega Juliane Mergener. O áudio de toda a conversa foi gravado e decupado para a produção do presente trabalho.

Para além da gravação, dispomos também de um diário de campo para auxiliar na observação mais detalhada de comportamentos, reações e posturas durante a entrevista, complementando o que foi dito. Tais fatores foram importantes pela escolha de narrativa da cooperativa através de uma história individual. Exploramos o tema escolhido por meio da trajetória de vida de André, entendendo, assim, não apenas o modelo e estrutura das cooperativas, mas também o contexto pessoal e histórico do caso. Este trabalho foi desenvolvido, inicialmente, na disciplina de Antropologia do Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos.

Procuramos, com esse método, apresentar uma narrativa mais sensível e particular, que demonstra o desenvolvimento do sujeito e da cooperativa, revelando nossas observações por meio do diário de campo. Além disso, também apresentamos os desafios da GiraSol através do olhar do nosso entrevistado.

Para embasar a abordagem da entrevista etnográfica, utilizamos autores como Beaud e Weber (2007). Já para debater as questões sobre cultura e seu papel na formação e identidade social, trazemos os autores Hall (1997) e Laraia (2007).

⁴ Disponível em: <<http://www.sescooprs.coop.br/app/uploads/2018/07/sescooprs-expressao-cooperativismo-gaicho-2018.pdf>>. Acesso em 15 de outubro de 2018.

⁵ Idem.

⁶ Disponível em: <<https://www.somoscooperativismo.coop.br/ramo-agropecuario>>. Acesso em 15 de outubro de 2015.

Aprofundamos o debate sobre o consumo de alimentos e a relação entre produtor, comerciante e consumidor por meio de obras mais recentes, incluindo a coletânea *Consumo Responsável em Ação: Tecendo relações solidárias entre o campo e a cidade* organizado pelas pesquisadoras Gonçalves e Mascarenhas (2017).

Finalmente, utilizaremos o autor Namorado (2005) para embasar a discussão das cooperativas enquanto iniciativas alternativas ao sistema capitalista e seus princípios monopolizadores, exploratórios e individualistas.

A cooperativa GiraSol: uma alternativa ao modelo econômico vigente

Podemos compreender as cooperativas como um modelo destoante da cultura capitalista em vários aspectos. Para entender essas diferenças é necessário que nos afastemos dos padrões etnocêntricos e capitalistas aos quais já estamos acostumados e compreendamos as divergências ideológicas e culturais que coabitam na nossa sociedade (BEAUD; WEBER, 2007).

Estamos mergulhados em uma cultura capitalista contraditória, onde questionamentos e críticas culturais são levantadas a todo o momento. Hall (1997) defende a importância que a cultura tem assumido na estrutura social, incluindo processos econômicos e do meio ambiente global. Os modelos de cooperativismo agrícolas se destacam por promover uma reflexão crítica ao modo de consumo e pela preocupação social com a produção dos alimentos. O enfrentamento às grandes empresas se dá a partir da ideia de promover uma nova forma de pensar o consumo e de se relacionar com a comida.

A GiraSol surge nesse contexto, como uma nova possibilidade que caminha na contramão do modelo econômico vigente e denunciando as mazelas causadas pelas indústrias ao meio ambiente, aos produtores e aos próprios consumidores. Ela busca retomar uma discussão sobre o hábito de se alimentar, “é um hábito político que implica na tua saúde, na saúde do agricultor, na saúde do planeta; em relações econômicas e sociais. Então ele [se alimentar] é um ato político extremamente complexo e para grande parte dos consumidores ele se reduz ir ao supermercado comprar um Miojo”, explica André Mombach (2018).

Laraia (2001) destaca a carga cultural que carregamos conosco de acordo com as nossas origens. O autor salienta que o ato de alimentar-se é, especialmente para os latinos, um rito social, e mudar os hábitos de consumo envoltos nesse ciclo já consolidado da

nossa cultura é um grande desafio. De forma geral, nas culturas urbanas, estamos acostumados a ir ao supermercado para fazer as compras da semana ou do mês, sem saber de onde vieram aqueles alimentos e sem nos preocuparmos com os impactos do nosso consumo. De forma geral, consumimos produtos baseados na comodidade e na praticidade das compras, e muito pouco em uma consciência coletiva. Nesse contexto, a grande mídia exerce um papel fundamental para a manutenção dessa cultura de consumo não responsável, apresentando opções limitadas de produtos, receitas e locais de compras de alimentos.

Com a globalização, ocorre um movimento forte de homogeneização cultural (HALL, 1997) que acaba por padronizar hábitos em todo mundo a partir da cultura ocidental e estadunidense. Esse mesmo fenômeno que homogeneiza acaba por provocar um efeito de resposta, ou nesse caso de resistência, contra a unificação em torno do sistema capitalista. Hall cita o processo de hibridização como “a criação de algumas alternativas híbridas, sintetizando elementos de ambas” (1997, p.12).

Assim, iniciativas como a da GiraSol oferecem um novo olhar sobre nossa cultura de consumo global, elas trazem uma postura solidária que possui outros valores e princípios como pilares, diferente do sistema capitalista. Contudo, ela ainda assim busca difundir essas ideias a partir do comércio, construindo relações justa e de ganho mútuo. Embora ainda possam parecer causas pequenas, representam um novo conglomerado de indivíduos que quer viver uma vida mais consciente, justa e saudável.

A metodologia escolhida

Para entendermos a trajetória do entrevistado, assim como a cooperativa estudada, escolhemos a entrevista etnográfica para nos aproximarmos de maneira objetiva do tema, englobando todo seu potencial subjetivo. A entrevista de cunho etnográfico visa compreender o surgimento da cooperativa, seus propósitos e quem está por trás da iniciativa, a partir da visão de um dos seus cofundadores, André Mombach. Para isso, nos deslocamos até a sede da GiraSol, onde conversamos e observamos de perto o sujeito escolhido para esse estudo.

Logo ao chegarmos, conhecemos o local e o entrevistado nos ofereceu um tradicional chimarrão para degustarmos durante a entrevista. Esse detalhe, que pode parecer trivial, já demonstrou uma partilha não só de informações e facilitou a negociação inicial da entrevista (BEAUD; WEBER, 2007). A conversa decorreu naturalmente, de

maneira que conseguimos nos conectar com o entrevistado e nos utilizarmos da observação para complementar a conversa realizada, seguindo, assim, algumas das orientações de uma entrevista de cunho etnográfico.

Entendendo a complexidade do tema abordado, preocupamo-nos em considerar todos os agentes sociais envolvidos na relação dentro das cooperativas, mesmo que a partir da visão do entrevistado. Mattos destaca o papel da etnografia na narrativa de iniciativas sociais e processos alternativos aos padrões hegemônicos:

a etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, em particular para os estudos que se interessam pelas desigualdades sociais, processos de exclusão e situações sócio-interacionais” (2011, p.50)

Com este trabalho, as questões de interesses econômicos, desigualdades sociais e invisibilidade social fazem parte de uma crítica aos processos de concentração de renda, falta de iniciativas, desigualdade financeira do sistema capitalista, entre outros. Quando destacamos os temas de agricultura familiar e alternativas de comercialização desses produtos, estamos falando diretamente de ferramentas de combate à fome e de estímulo a comerciantes e produtores regionais e sustentáveis. O Brasil é signatário do acordo que engloba 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU que deverão ser alcançados até 2030. Dentro desses objetivos, o segundo está denominado como “Fome Zero e Agricultura Sustentável”.

O Brasil atingiu este primeiro objetivo, deixando de integrar o Mapa da Fome em 2013, porém, o país corre um grave risco de voltar a fazer parte do Mapa. Para os pesquisadores da ONU, o debate da fome está intimamente relacionado à pobreza extrema, portanto, uma preocupação que está posta na conjuntura atual do país são as restrições orçamentárias que vêm sendo implementadas. “O cenário atual é de retrocesso. As prioridades do governo brasileiro e o controle exercido pela bancada ligada ao agronegócio dentro do Congresso Nacional aumentam as ameaças sobre um cenário já preocupante”⁷.

A trajetória de André Mombach e o nascimento da GiraSol

⁷ RELATÓRIO LUZ DA AGENDA 2030 DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL SÍNTESE. Disponível em http://actionaid.org.br/wp-content/files_mf/1499785232Relatorio_sintese_v2_23jun.pdf. Acesso em: 27 de março de 2019.

A simpatia e cordialidade parecem acompanhar o homem de 41 anos, com origem humilde na cidade de Santo Cristo, região Noroeste do Rio Grande do Sul. Morando em Porto Alegre há mais de duas décadas, Mombach veio para a capital com a intenção de dar seguimento aos estudos. Assim, sua trajetória sempre foi marcada pela convergência de uma vivência rural e uma inserção urbana, sem esquecer suas origens. Após um ano de estudos, o jovem ingressou em Engenharia de Minas na UFRGS, curso em que permaneceu por um ano.

O processo de desenvolvimento crítico e de conscientização de André se iniciou com a militância na pastoral da juventude, antes de vir para Porto Alegre. Já na capital, iniciou um estágio junto ao governo do estado de Olívio Dutra (1999-2003), no qual teve um contato mais profundo com a economia solidária. “[No estágio] Acompanhei essa temática de cooperativismo, a construção da ideia do associativismo, economia solidária nos espaços urbanos, mas também essa relação forte das cooperativas com a agricultura familiar” (MOMBACH, 2018).

Passados os anos, sua politização seguiu em evolução, aproximando-se cada vez mais de movimentos sociais, estudantis e sindicais, que motivaram mudanças em sua formação acadêmica: abandonou a graduação em Engenharia para cursar Ciências Sociais. Depois do estágio, ele seguiu engajado no tema da agricultura familiar com um trabalho na Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAG), envolvendo-se na formação da juventude rural e formação sindical.

Os círculos de militância e os relacionamentos que surgiram a partir disso refletem uma nova identidade adotada por André Mombach, a partir de ideias que foram sendo incorporadas, pouco a pouco, a sua trajetória pessoal. Como nosso entrevistado mesmo disse: são nessas experiências históricas que ele se situa, que são em parte de sua origem, e em parte de construções de relações políticas e sociais (MOMBACH, 2018). Assim, podemos perceber, portanto, a influência dos grupos sociais e das experiências pessoais na nossa formação individual, de valores e crenças, como aponta Hall:

o que denominamos "nossas identidades" poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (HALL, 1997 p. 26)

Assim, foi trilhando ainda mais caminhos na militância política e nos movimentos sociais. Um dos marcos na sua vida foi a realização do primeiro Fórum Social Mundial, em 2001, na capital gaúcha, encontro que possibilitou vários debates e experiências pessoais em sua militância de juventude. “Temos nos anos 2000 uma crise liberal. Nós crescemos no período neoliberal, nossa juventude foi no neoliberalismo puro. Então foi um período muito marcante nas nossas vidas” (MOMBACH, 2018). Assim, o Fórum surge como um marco contra essa doutrina política, econômica e social.

[O Fórum] Representava uma quebra com o pensamento único e o contato com uma enorme diversidade de atores sociais e políticos e de debates. Reforçava a articulação das lutas e construía uma maior identidade política entre aqueles que buscavam uma alternativa ao neoliberalismo. (LEITE, 2003, p.67)

Juntamente ao neoliberalismo, o desemprego se agrava entre os anos 2000, o que preocupa especialmente a população jovem. “Para a juventude, ou pensávamos em formas alternativas de engajamento de trabalho, ou, enfim, ficávamos à margem. Nesse período histórico é quando a gente organiza e trabalha muito fortemente nas alternativas de economia solidária” (MOMBACH, 2018). A GiraSol vai nascendo – sem que ele se dê conta – em meio às rodas de conversa e do desejo de empoderar a sociedade civil, quebrando o monopólio das multinacionais e dando maior ênfase à agricultura familiar.

A cooperativa contava com 28 membros fundadores quando foi constituída. A primeira fase da cooperativa acontece de 2006 a 2011, com o mapeamento de famílias de agricultores e a construção de formas alternativas de alimentação. As dificuldades financeiras foram grandes e um dos fatores responsáveis pela pausa de cinco anos nas atividades da GiraSol, que ficou inativa até 2016 (MOMBACH, 2018). Em seu estágio inicial, a cooperativa dependia demasiadamente do voluntariado de seus membros, o que dificultou a manutenção da iniciativa depois de algum tempo de implementação. Em uma publicação dos integrantes, eles ainda esclarecem: “dado que não havia sido constituída estrutura econômica que desse sustentação institucional à GiraSol para além da boa vontade de seus integrantes, sua atividade não pôde prosseguir” (SCHÜTZ; FRIZO, 2017, p.121).

Em 2016, melhor preparados e com mais clareza do que precisava ser feito para manter a sustentabilidade da GiraSol, a cooperativa reabre as portas. A retomada foi possível principalmente pela consolidação de duas redes que organizam o fornecimento dos produtos para a cooperativa: a Associação da Rede de Cooperativas da Agricultura

Familiar e da Economia Solidária (RedeCoop) e a Rede de Economia Solidária e Feminista (RESF).

Tais redes facilitaram a organização da produção e da demanda para diversas cooperativas agrícolas do estado. A primeira, RedeCoop, constitui-se a partir da necessidade gerada pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Esses programas governamentais fizeram com que alimentos saudáveis de todo o estado abastecessem escolas, presídios e outras instituições. A outra rede, RESF, articula empreendimentos de produtoras para comercialização em espaços de cooperativas de consumo.

Comércio justo e consumo responsável

Pateo (2017) apresenta o conceito de economia solidária como “uma forma diferente de produzir, vender e comprar o que é preciso para viver. Se na economia convencional existe a separação entre os donos e os empregados, na economia solidária os trabalhadores são donos” (p.133). Pode parecer simples, porém, aplicar tal conceito em um sistema com princípios completamente diferentes se mostra complexo.

A iniciativa da GiraSol procura fomentar agricultores próximos de Porto Alegre para valorizar o produto local e também por questões logísticas. Quanto mais distante se busca o produto, mais caro ele se torna e mais difícil é conhecer o manejo. Mesmo que a GiraSol represente uma cooperativa pequena, seus produtos impactam, sim, alguns trabalhadores. Um exemplo disso é a cooperativa dos povos tradicionais de Mostardas que fornecem a cebola roxa para a GiraSol. Esse é um cultivo realizado pelas mulheres quilombolas que antes vendiam o quilo da cebola a R\$ 0,40. Em 2018, a GiraSol compra o mesmo quilo por R\$ 2,40. Com esse aumento de renda, elas podem investir mais recursos nas técnicas produtivas para o desenvolvimento da produção da comunidade.

O entendimento da necessidade de uma remuneração justa aos produtores fortalece esse setor regional e visa uma constante melhora no produto que mais tarde será consumido pela população. Para além do reconhecimento monetário, a cooperativa oferece um reconhecimento pessoal e humano que o sistema capitalista normalmente não apresenta. “Ao reconciliar o trabalhador com o processo e os frutos do seu labor, oferece-se a possibilidade de superar o caráter descartável e alienante da atividade produtiva, de elevá-la a um patamar de satisfação de aspirações não apenas materiais ou monetárias”

(GAIGER, 2004, p.804). Essa valorização da relação humana também pode ser observada nos consumidores que optam por comprar em iniciativas de economia solidária:

Um aspecto importante dentro dos circuitos curtos de comercialização é o fato de que a proximidade entre produtor e consumidor promove uma relação de reconhecimento e confiança recíprocos, de modo que os atores sociais acreditam participar de uma situação em que ambas as partes estão sendo beneficiadas. (SALES, 2018, p.3)

Para além disso, outro ponto em que diferem as cooperativas de outras organizações da clássicas da sociedade capitalista é a atenção sobre o acesso dos consumidores aos seus produtos. Para Mombach (2018), a sociedade ideal seria aquela em que todos os cidadãos teriam acesso a alimentos nutritivos. Contudo, por mais que iniciativas como a GiraSol se esforcem para democratizar o consumo de alimentos nutritivos e regionais, este consumo ainda persiste em classes econômicas mais privilegiadas.

Mesmo com tais dificuldades, redes mais próximas e locais de comercialização ainda são a alternativa mais viável para a democratização ao acesso a esses alimentos para a população de renda mais baixa (MASCARENHAS, GONÇALVES, 2017). O grande desafio dessas iniciativas é a luta por incentivos para a agricultura orgânica e agroecológica. Enquanto o agronegócio recebe um amplo apoio governamental, pequenos proprietários acabam condicionados a consumir agrotóxicos para conseguir financiamentos do Estado.

Ao condicionar o crédito rural à compra do agrotóxico, o Estado foi o principal incentivador do pacote tecnológico que representava a “modernidade” na agricultura, passando o mercado brasileiro a figurar entre os mais importantes para a indústria dos agrotóxicos. (PORTO; SOARES, 2012, p.19)

Neste processo, podemos observar como iniciou a evolução rápida do uso de agrotóxicos até a situação atual de uso indiscriminado de tais insumos químicos. “(...) [Agrotóxicos] passaram a ser utilizados não só pelos agricultores mais bem capitalizados, mas também por produtores familiares compelidos e impulsionados a adquirir esse “pacote tecnológico” de uma forma passiva e sistematicamente descontrolada.” (PORTO; SOARES, 2012, p.20).

Precisamos de políticas públicas que incentivem a produção agroecológica e de agricultura familiar ou de cooperativas de produção. Mascarenhas e Gonçalves (2017)

defendem que políticas públicas que apoiem a produção orgânica e agroecológica auxiliam na democratização do acesso à alimentação saudável, assim, é papel do Estado conseguir incentivar essas políticas e garantir o direito da alimentação de qualidade nutricional para todos.

Atualmente, a GiraSol representa um nicho que não consegue se encaixar em nenhuma política pública, principalmente por ocupar o espaço urbano; sem essas políticas ou legislações, a Cooperativa acaba concorrendo diretamente com as grandes redes de supermercado, o que atrapalha o seu crescimento.

Cultura contemporânea da alimentação

A falta de incentivos estatais não é o único entrave para a comercialização de alimentos da GiraSol. Os hábitos contemporâneos não contribuem para uma maior abrangência de compradores. Estamos acostumados a comprar embalagens, marcas e produtos que encontramos em estantes. No supermercado, cada vez mais podemos ver alimentos já pré-preparados, selecionados e cortados, praticamente prontos para o consumo. Além desses estabelecimentos representarem um consumo instantâneo que está disponível a praticamente qualquer momento do dia.

Mombach (2018) explica que os produtos da GiraSol tentam retomar algumas ideias já praticamente extintas das mentes dos consumidores comuns: sazonalidade, diversidade e maior valorização dos alimentos locais. Para ele, este abandono implica em dietas muito limitadas e repetitivas que prejudicam a saúde do consumidor e o cultivo de produtos diversificados e regionais. A preferência de alimentos plastificados e instantâneos não compensa para seus consumidores, “o custo que tu reduz em tempo [de preparo], tu vai imediatamente gastar em farmácias” (MOMBACH, 2018).

O consumo de variedades tradicionais representa uma luta pela permanência de uma cultura muitas vezes apagada. “O que podemos perceber nessa sociedade contemporânea é que muitas tradições têm passado por transformações drásticas, manifestações e práticas alimentares culturais sendo aniquiladas e engolidas pela sociedade da era globalizada” (SOUZA; SOUZA, 2015, p. 277-228). A apropriação cultural surge de uma concepção etnocêntrica que não apenas incorpora hábitos culturais, mas os ressignifica apagando sua origem, que faz-se presente em práticas culinárias. Tal ressignificação dá-se principalmente na incorporação no sistema capitalista de lucro.

As compras na GiraSol dependem de organização e paciência. Apesar da cooperativa oferecer produtos saudáveis e diversos, seus compradores precisam estar dispostos a utilizar um sistema diferente de compra. Nas vendas da cooperativa, os pedidos são feitos com no mínimo três dias de antecedência. Portanto, além da vontade, é preciso criar uma disciplina para conseguir seguir esse calendário.

Essa dinâmica prejudica um pouco a abrangência da cooperativa, conta Mombach (2018). “As pessoas no mundo contemporâneo não conseguem se planejar, não conseguem se programar para pensar no que elas vão consumir durante a semana, e muito menos para realizar e retirar seu pedido em determinado horário, em um determinado dia”. Ele complementa “O supermercado nos domesticou a ir consumir a hora que a gente quiser. Tu pensa e tu consome”.

Entretanto, aqueles que conseguem se adaptar a esse sistema de compra ganham mais do que produtos de qualidade. Muito da aplicação dos valores de “comércio justo e consumo consciente” acontece através da relação entre a cooperativas e o consumidor. O momento de escolha dos alimentos, entrega e contato da cooperativa com seus clientes são espaços de compartilhamento e conexão pessoal. Ao buscarem seus alimentos, André explica que ali as pessoas tem um espaço para ouvir, perguntar e aprender sobre hábitos alimentares e consumo consciente. Para além do consumo propriamente dito, existe um viés educativo abraçado pela cooperativa que se expande até atividades de reflexão como rodas de conversas e palestras sobre temas relevantes.

Lechat (2002) explica que “a economia solidária organiza-se a partir de fatores humanos, favorecendo as relações onde o laço social é valorizado através da reciprocidade e adota formas comunitárias de propriedade” (2002, p.125). No caso da GiraSol, podemos observar a presença dessas características na própria apresentação da iniciativa:

Nosso propósito é retomar a construção e o fortalecimento de um coletivo que pense o consumo e a produção de forma sustentável e solidária, que entenda a cadeia produtiva de alimentos num território determinado a partir de relações e parcerias cooperativas e, principalmente, busque uma mudança radical nos comportamentos pessoais construídos dentro de uma lógica competitiva, individualista, acumuladora e de consumismo irresponsável⁸.

⁸ Página de apresentação e descrição da GiraSol. Disponível em < <http://coopgirasol.com.br/loja/sobre-a-girasol/>>. Acesso: 06 de maio de 2019.

Mesmo que a iniciativa da cooperativa tenha o propósito de questionar todos esses hábitos culturais contemporâneos, seus integrantes também entendem que é preciso ajustar seu modelo para alcançar mais pessoas. “Por mais que a gente queira manter a compra programada, entendemos que é necessário flexibilizar um pouco o nosso modelo comercial para a perspectiva de um mercado para que aquele consumidor mais impulsivo, mais instantâneo consiga comprar na GiraSol”, ele explica.

Além disso, ocupar espaços criados com o avanço da tecnologia também auxilia a cooperativa nesse engajamento com um público mais amplo. A GiraSol vem buscando promover discussões e informações nas redes sociais, redes de Whatsapp e e-mail. Assim, os recados de local de entrega ou sobre compras realizadas acompanham um material extra informativo de receitas, de reflexão, de componentes nutricionais.

Considerações Finais

As práticas alimentares fazem parte de um conjunto de relações sociais, identitárias e simbólicas dentro de um processo comunicacional (SOUZA; SOUZA, 2015). Isso significa que a construção pessoal também passa pelos hábitos alimentares, eles podem representar religiões, ideologias, etnias, entre outros aspectos. Para além dessa construção da personalidade das pessoas, tais práticas podem se causar um impacto mais crítico no coletivo, como demonstra a Girasol, que, através dos alimentos, inicia um debate bem mais profundo sobre as estruturas sociais e econômicas da nossa sociedade. Fica claro que a cooperativa, assim como tantas outras iniciativas, não é apenas uma alternativa econômica, mas sim uma iniciativa composta por movimentos e ideologias que combatem as contradições econômicas e sociais presentes no debate sobre alimentação e consumo.

Dentro da Cooperativa os primeiros a perceberem seus impactos positivos são seus integrantes. “Nós temos muitos resultados com a cooperativa. Nós melhoramos nossa alimentação, reduzimos nossas despesas com farmácia, clínicas de saúde e temos relações sociais e humanas entre os associados muito valorosas”, conta Mombach (2018). Estes resultados podem e tem como objetivo serem compartilhados entre toda a sociedade, entendendo os desafios de classes menos favorecidas que estão envolvidos. Para além de um modelo injusto que faz com que essas classes mais baixas consumam alimentos repletos de agrotóxicos, é um modelo que segrega e torna, no discurso público, o alimento saudável em alimento de classes hegemônicas.

Essas mudanças não são simples nem fáceis. A mudança de hábitos precisa de um trabalho educacional envolvido. Mombach (2018) explica que para eles da Cooperativa é necessário “fazer a educação para o consumo, fazer a educação dos consumidores para novos hábitos de se relacionar com a perspectiva do alimento”. A GiraSol oferece diversos alimentos, temperos, sucos, que não são comumente comercializados nos supermercados ou utilizados em receitas do cotidiano, portanto, isso demanda da Cooperativa uma difusão de receitas, modos de preparo, benefícios nutricionais que são desconhecidos pela maioria dos consumidores.

Possibilidades como a Cooperativa GiraSol representam hoje não apenas alternativas possíveis, mas alternativas necessárias para a sociedade. Contudo, é preciso lutar para a inserção dessas alternativas, Mombach relata que dispomos de um grande problema de uma concorrência injusta e monopolista de grandes mercados e iniciativas pequenas como a GiraSol. “Seis redes de supermercados comercializam e abastecem 80% do consumo em Porto Alegre”, afirma Mombach (2018). Para ele, isso representa um “desafio histórico” que vem aos poucos sendo avançado pelo surgimento de pequenos grupos de diversas experiências, como o Grupo de Integração Agroecológica⁹, Tribo Viva¹⁰, Grupo Araçá¹¹, e assim por diante.

Para que estas iniciativas perdurem, é necessário que a sociedade se abra para essas possibilidades. Laraia explica que “O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural” (2001, p.75), entretanto, é preciso que se quebre esse ciclo para uma melhora na qualidade de vida e alimentação de todos.

Atualmente, podemos entender essas iniciativas como parte de um grupo que vem crescendo e ganhando força nesta disputa de valores e princípios econômicos e sociais. Encorajar e apoiar cooperativas significa uma contribuição coletiva muito maior do que aparenta.

Na nossa perspectiva, portanto, o cooperativismo não está isolado, como fenômeno subalterno no seio capitalismo. Criou laços, variáveis de país para país (...) Esta rede de sinergias deixa a alternatividade cooperativa menos isolada, reforçando também a sua capacidade para

⁹ “O Grupo de Integração Agroecológica – GIA é um grupo colaborativo de compras que integra famílias agricultoras do Assentamento Filhos de Sepé em Viamão e famílias de consumidores de Porto Alegre” Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gia/sobre.html>>. Acesso: 06 de maio de 2019.

¹⁰ REDE DE CONSUMO COLABORATIVO <<http://www.triboviva.com.br/>>. Acesso: 06 de maio de 2019.

¹¹ Grupo Araçá de Consumo Responsável. Disponível em: <<http://araca.eco.br>>. Acesso 06 de maio de 2019.

resistir e para gerar respostas a problemas concretos. (NAMORADO, 2005, p.21)

Apesar de existirem diversos desafios enfrentados pelas cooperativas (disputa injusta com empresas já consolidadas, poucas políticas públicas, falta incentivos estatais, cultura e hábitos alimentares), é inegável a importância dessas iniciativas para o futuro. Namorado conclui:

o cooperativismo e a economia social dão centralidade ao modo cooperativo de se actuar e à implicação solidária em objectivos sociais, como expressões de uma lógica subalterna, mas historicamente persistente, nas sociedades capitalistas. Uma e outra podem não ter futuro, esmagadas pela perenidade e pelo agravamento do predomínio da lógica a que resistem. Mas é ainda mais incerto poder, com realismo, falar-se em futuro, a propósito de uma sociedade que exclua do seu horizonte o cooperativismo e a economia social. (2005, p.22)

Levando em consideração todo o acúmulo deste artigo, entendemos a importância da utilização de técnicas etnográficas para complementação da produção jornalística aprofundada. Utilizando-as conseguimos ter um panorama muito mais abrangente do debate sobre economia solidária, cooperativismo e consumo responsável. Além de conseguirmos, com sucesso, traçar nossa discussão a partir da perspectiva particular de André Mombach. O que nos fez entender tanto a dimensão individual, quanto a coletiva do tema escolhido.

Referências

- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes, p. 118-136, 2007.
- GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária e o projeto de outra mundialização. **DADOS-Revista de Ciências Sociais**, v. 47, n. 4, pp. 799-834, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/dados/v47n4/a06v47n4.pdf>>. Acesso em:
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf>. Acesso: 03 de maio de 2019.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar, 2007.
- LECHAT, Noëlle Marie Paule. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil**. Economia Solidária Volume, v. 4, 2002.
- LEITE, José Corrêa. **Fórum Social Mundial: A história de uma invenção política**. São

Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. Disponível em:
<https://bibliotecadigital.fpabramo.org.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/279/forum_social_mundial.pdf?sequence=1>. Acesso: 03 de maio de 2019.

MASCARENHAS Thais, GONÇALVES Juliana (Orgs.). **Consumo responsável em Ação**: Tecendo relações solidárias entre o campo e a cidade, São Paulo, Instituto Kairós, 2017.

_____. **Fome de mudança: os desafios da alimentação saudável e de sua democratização**. In: **Consumo responsável em Ação**: Tecendo relações solidárias entre o campo e a cidade, São Paulo, Instituto Kairós, p. 27-42, 2017.

MOMBACH, André. Depoimento do integrante da Cooperativa GiraSol. Entrevistadoras: Alcía Porto e Juliane Mergenger. Porto Alegre, 09 de junho de 2018. 1 hora e 47 minutos.

NAMORADO, Rui. **Cooperativismo – um horizonte possível**. Coimbra, 2005. Disponível em: <<https://eg.uc.pt/handle/10316/11126>>. Acesso: 03 de maio de 2019.

PATEO, Felipe Vella. O consumo responsável na construção da política pública de economia solidária. In: **Consumo responsável em Ação**: Tecendo relações solidárias entre o campo e a cidade, São Paulo, Instituto Kairós, p. 133-146, 2017.

PORTO, Marcelo Firpo; SOARES, Wagner Lopes. Modelo de desenvolvimento, agrotóxicos e saúde: um panorama da realidade agrícola brasileira e propostas para uma agenda de pesquisa inovadora. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, [s.l.], v. 37, n. 125, p.17-31, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO).

RIOS, Gilvando Sá Leitão. **O que é cooperativismo**. Brasiliense, 2017.

SALES, Fabiana de Lima. **O consumo alimentar como ato político**: a experiência do Grupo de Consumo Responsável da Rede Espaço Agroecológico. 31ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília, 2018. Disponível em: http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1541415450_ARQUIVO_Oconsumoalimentarcomoatopolitico-artigo31RBA.pdf. Acesso em: 03 mai. 2018.

SCHÜTZ Gustavo, FRIZO Pedro. A retomada da GiraSol em Porto Alegre: caminhos e descaminhos na construção de uma cooperativa de consumo responsável. In: **Consumo responsável em Ação**: Tecendo relações solidárias entre o campo e a cidade, São Paulo, p. 27-42, 2017.

SOUSA, João Eudes Portela de; SOUSA, Antonia Nilene Portela de. **Cultura, práticas alimentares e comunicação: a comida como dimensão comunicativa**. REU-Revista de Estudos Universitários, v. 41, n. 2, p. 265-280, 2015.